



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	7 AGOSTO
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

POLÍTICA SEM DIÁLOGO?

Por RAUL RÉGO

A atitude de alguns partidos políticos que se recusaram a dialogar com Maria de Lurdes Pintasilgo, a ver qual era a solução por ela encontrada para as penosas circunstâncias em que nos encontramos, é sintomática da mentalidade que enforma ainda muita gente e que imbuíu a nação nos tempos totalitários. A fuga ao diálogo, a descortesia para com quem não é da nossa capelinha, atitudes corantes de tudo ou nada, traduzia-as há anos um pobre casermeo alcapremado às alturas do poder, dizendo que «quem está connosco está contranosso». Salvas a distância mental e a correcção de linguagem, os drs. Freitas do Amaral e Sá Carneiro, ao virarem as costas ao convite cortês de Maria de Lurdes Pintasilgo, exprimiram a mesma dicotomia política, a mesma intransigência do tudo ou nada, quebravam as pontes indispensáveis à transposição de distâncias que um abismo parece separar.

Ao iniciar-se esta marcha dos cem dias, em que Maria de Lurdes Pintasilgo parece tomar o bordão e as armas do Xenofonte para nos guiar a bom porto, a uma colina onde se veja o mar e a terra prometida, temos de nos rouçar de esperança. Ela o disse. Mas que valerá a esperança de entendimento entre os homens se o mesmo diálogo é recusado se continuar a ser recusado aos partidos da Assembleia da República o que é consensual a quem se encontra de fora dela, se continuarmos a pensar que Portugal não é de todos os portugueses e que tem de haver sempre os segregados do Poder, ainda quando sejam esses que o povo atrai em maior número para a mesma assembleia popular? Sá Carneiro, Freitas do Amaral, Gonçalo Ribeiro Teles, o chamado bloco conservador-monárquico, não tem maioria; mas agem já como se tivessem a totalidade da representação par-

lamentar. Aliás, aqui se repete o que se tem vindo a verificar desde há muitos meses a esta parte com a Constituição que temos e foi votada pela quase unanimidade da Assembleia Constituinte, que não foi alterada nem o podia ser, mas de que muitos estão a não fazer caso, agindo como se a Constituição que eles propugnam estivesse já em vigor.

Ação política, entendimento, é diálogo, é cedência mútua, é fazer aquilo que se pode realizar de acordo com os outros, e não talharmo-nos nós a fatia ou os planos ao nosso sabor. Só ao nosso gosto. Governar sem escutar os desejos de todos os governados é o totalitarismo, e é a mentalidade totalitária que inspira ainda actos como o dos dirigentes partidários em questão. «A crise continuada que a democracia atravessa em Portugal exige de todos — responsáveis políticos e cidadãos —, uma posição de serenidade

e firmeza», disse o sr. Presidente da República ao entregar a responsabilidade do mando ao novo primeiro-ministro, e não seremos nós quem diga que não. Mas, neste momento, a firmeza, a serenidade, têm de se conjugar com aquela ductilidade que leva ao entendimento e que tanto tem faltado aos partidos políticos e ao próprio presidente. As crises nos outros países da Europa são inúmeras também correntes de opinião para a nossa crise. Não temos nós o exclusivo delas. Mas a nossa poderá passar a ser endêmica, se não compreendermos que só no entendimento de uns e de outros, nas cedências e compreensões da razão de cada um, podemos encontrar aquela unidade e força de ânimo que levou os 10 000 até à Grécia e nos poderá levar a nós a reencontrar a harmonia na pátria de todos. Daí que a nova guia nos diga claramente: «Não nos detemos atavicamente nos antagonismos estereis. Eles só podem ser ultrapassados por soluções novas. Buscamos perspectivas que, sem renegarem os contributos ideológicos adquiridos, libertem os problemas e a sociedade da sua carga excessiva.» Há que lutar por quanto nos é comum. Não interessam as dificuldades interesse, sim, o ânimo com que vamos para elas, o culto que tenhamos pelas nossas liberdades e empenho em as preservar. Voltemos a Xenofonte, homem livre e que rompeu por

ai fora; resolvido ele e os seus companheiros a continuar a ter por culto a liberdade: «Quando Xerxes marchou contra a Grécia à testa de um Exército inumerável, os gregos bateram-no na terra e no mar. Por toda a parte ficaram tréfus de vitória. Mas a maior prova desse triunfo consiste na liberdade das cidades em que vieses à luz e fostes criados, porque nós não reconhecemos outros anos além dos nossos».

A maior prova do nosso triunfo estará na preservação das nossas liberdades, no respeito da liberdade do nosso vizinho e do mandato dado pelo povo a esta instituição, àquele homem. Os problemas existem e serão realmente graves, se não desistirmos de empolar os «antagonismos estereis». Aliás, quanto maiores sejam os obstáculos, mais mérito há em vencer, maior mostra de força e de coragem se mostra em os transpor. Disse Maria de Lurdes: «Coube-nos uma tarefa austera que em nós teve a sua grandeza e por nós se aventura pelo mundo dentro. Somos uma terra batida por ventos agrestes e contrários, que em nós enrijecem o ânimo e nos empurram ao encontro da História».

Todas as nações são criação de homens livres que resolveram conjugar as vontades de uns com os outros e ir ao encontro da História. O que representará esta marcha de cem dias, nos caminhos que temos andado de mais de oi-

tos séculos, e no que temos para andar, enquanto houver vontade de liberdade em todos os cidadãos portugueses? A crise, a nossa crise específica, não vem sobretudo de os árabes estarem a explorar com o petróleo a apertar as goelas do mundo inteiro, como o agiota esmifra os desgraçados que a ele recorrem; a nossa crise vem de não termos sido criados como homens livres, habituados a falar e expor os problemas que nos atigem a uns e a outros, para os enfrentar depois com o ânimo de quem sabe o que quer e por onde é o caminho. Nós estamos ainda meio zonzos, desvairados com a luz que recebemos tendo saído de um túnel escuro. Por isso alguns de nós ainda tapam os olhos e não querem ver, outros cerram a boca e não querem falar, como se no isolamento, no mutismo, e na escuridade estivesse a salvação. Há homens e partidos que amam e, na medida em que se fecham sobre si mesmos constituindo um clã e não dialogando com os mais, contribuem para enfraquecer o conjunto, para destruir a unidade da força dos homens livres.

Divisionismo, secretismo, isolacionismo, fazem também aqueles que, na nossa sociedade de homens livres, se atêm a opor os partidos políticos ao povo, como se os partidos não fossem povo, tanto como têm de o ser o Exército, a magistratura, os oficiais de todos os ofícios. Um ho-

mem que se isola é homem perdido para a comunidade; um partido que se fecha empobrece a vida pública. Não pensamos, ao contrário do que diz o sr. Presidente da República, que «a crise seja, no essencial, resultante da inexistência de uma maioria política estável e de um desajustamento da organização da actividade económica e da distribuição do produto nacional», já que, quando se encontrou uma maioria governamental ela foi acusada de «ditadura das maiorias» e quando apareceu a possibilidade de um entendimento que levasse a tal maioria, não foi tomado em consideração e preferiu ir-se para eleições cuja incógnita é patente. A grande crise portuguesa é resultante de, desde o Presidente da República aos partidos, às organizações profissionais ou de classe, nos entretemos em monólogos cada um procurando impor a sua maneira de ver, em lugar de se criar a mentalidade dialogante, a franqueza de alma aberta, cada homem ou partido sabendo com que pode contar nos outros homens ou partidos. Muito se fala de diálogo, monologando. Criar o mito de uma «maioria política estável», é pôr a sua esperança apenas num grupo mais poderoso que os outros, que seja ele a mandar e os demais a obedecer. É ainda, parece-nos, o culto do silêncio, a esperança num D. Sebastião que saia um dia do nevoeiro de umas eleições, a realizar não sabemos quando nem onde.

A realidade impõe-nos que, se não temos maiorias, governemos com o entendimento, o diálogo das minorias que, compreendendo-se, podem fazer maioria. Tem sido isso que se não tem tentado porque, criados num ambiente de monólogo e tudo em roda era silêncio, nos não adaptamos ainda à condição de homens livres que são capazes de falar com outros homens livres e caminhar juntos para clara luz do dia. Ao contrário dos homens de Xenofonte, nós não viemos à luz, nem fomos criados em cidades livres. Temos nós de construir essa mesma liberdade, falando uns com os outros e entendendo-nos e respeitando-nos. Com maiorias? Com minorias? Com o diálogo persistente, a vontade de ser livres.

Vamos lá arrancar para a nossa Arrabace, para esta caminhada dos cem dias!

RAUL RÉGO